



Bibliotema

FinTech - Desafios da Tecnologia Financeira

Nos últimos anos, observou-se uma progressiva digitalização dos serviços financeiros fruto, nomeadamente, de um crescente desenvolvimento tecnológico, da pressão sofrida pelas instituições de crédito para reduzirem encargos, de uma mudança de comportamento por parte dos utilizadores de serviços financeiros, bem como da entrada de novos intervenientes no mercado de serviços financeiros, como as chamadas *FinTechs*.



A nível internacional, as *FinTechs* são geralmente definidas como "*inovações financeiras, de base tecnológica, que podem resultar em novos modelos de negócio, aplicações, processos ou produtos com um efeito positivo sobre os mercados e as instituições financeiras, bem como na prestação de serviços financeiros*". Os principais exemplos de *FinTechs* têm vindo a abranger a *digital ledger technology*, o *robo-advice*, o *RegTech* (tecnologias que podem ser usadas para requisitos de conformidade e relatórios) e as moedas virtuais.

As *startups* financeiras, que são a base das *FinTechs*, estão a aproveitar a explosão de informação (*big data*), os avanços na inteligência artificial e no *machine learning*, o poder de computação e da criptografia e, sobretudo, o alcance e a abrangência da internet como rede global. As fortes complementaridades entre essas tecnologias dão origem a uma enorme variedade de novas aplicações que envolvem serviços de pagamentos, financiamento, gestão de ativos, seguros e consultoria financeira, entre outros.

Em 2017, o investimento global em *FinTechs* atingiu 31 mil milhões de dólares (cerca de 25 mil milhões de euros). Este investimento traduz um crescimento significativo face a 2016 – 25 mil milhões de dólares (aproximadamente 21 mil milhões de euros) – e representa mais de 5% do aumento verificado no capital social agregado do sistema bancário global entre setembro de 2016 e setembro de 2017.

Índice

Bibliotema •
FinTech - Desafios da
Tecnologia Financeira | 1 · 4

Destaques | 5 · 7

Novos recursos
de informação | 8 · 10

Conversas na Biblioteca | 11

Exposição "10 anos de crise
financeira" | 11

1.º Workshop Bibliotecas Banco
de Portugal | 12

A par da emergência das *startups financeiras*, os gigantes tecnológicos como a Google, Apple, Facebook, Amazon e Alibaba (GAFAA) estão a redefinir a experiência do cliente e a jogar na periferia dos serviços financeiros, usando a sua elevada capacidade financeira, a sua relação direta com uma massa enorme de consumidores (quotas de mercado significativas) e, sobretudo, o seu poder tecnológico em combinação com o acesso a um volume de informação nunca antes experimentado.

À medida que os bancos enfrentam mais pressão para reduzirem custos e criarem relações mais rentáveis com os clientes, os grandes *players* tecnológicos e de plataformas podem oferecer um conjunto mais atrativo de serviços, associado a experiências digitais mais apelativas para os clientes (incluindo ao nível financeiro).

A experiência digital nos serviços financeiros caracteriza-se por uma integração de serviços e canais, pela oferta de soluções personalizadas e customizadas, pela prestação de forte atenção às necessidades individuais do cliente e pela eficiência e alta qualidade dos serviços, visando proporcionar uma experiência atraente, conveniente, consistente e adequada ao quotidiano do cliente.

As *FinTechs* têm tido um papel ativo no incremento da experiência digital e na inovação financeira, delineando muitas das soluções tecnológicas que apoiam o funcionamento do mercado financeiro digital. Têm sido muitas vezes responsáveis pelo desenvolvimento de novas plataformas tecnológicas, que permitem a distribuição de produtos e a prestação de serviços financeiros de uma forma mais célere, conveniente, adaptada às necessidades dos clientes, intuitiva e, por vezes, com custos mais baixos.

Neste quadro, os bancos (os *incumbentes* que enfrentam estes *entrantes*) têm de se adaptar a uma nova realidade do lado da procura, confrontados com clientes que procuram soluções flexíveis, personalizadas, imediatas, em qualquer sítio a qualquer momento, reformulando a sua própria oferta.

Para os incumbentes, trata-se de um desafio mas também de uma oportunidade. As *FinTechs* não devem ser vistas apenas como concorrentes dos prestadores tradicionais. Também podem ser instituições complementares ou parceiras. Em particular, podem ser instrumentais, ajudando os incumbentes a ultrapassar as condicionantes associadas ao baixo crescimento da atividade e à baixa rentabilidade e, ainda, a restabelecer e reforçar os níveis de confiança e de reputação, postos em causa com a crise financeira de 2007.

De uma forma geral, há dois tipos de empresas de *FinTechs*: as competitivas, que se podem definir como oponentes diretas às instituições financeiras estabelecidas, e as colaborativas, que oferecem soluções para melhorar a posição das instituições financeiras já existentes no mercado, normalmente instituições de crédito.

As *FinTechs* competitivas têm tido algum sucesso, aproveitando segmentos menos rentáveis ao oferecerem experiências mais adequadas diretamente aos clientes. Estas empresas tendem a ganhar escala e a consolidar os seus modelos de negócios, sendo que muitas delas acabam, mais tarde, por ser adquiridas por outros *players* (em muitos casos por grandes instituições financeiras ou pelas maiores tecnológicas).

Muitas instituições financeiras reconhecem o papel que as *FinTechs* colaborativas podem ter para ajudar a estimular a sua própria evolução. Ao invés da promoção de concorrência com as *FinTech*, essas instituições financeiras estão a criar plataformas de cocriação e colaboração, incorporando, de forma colaborativa, inovação e diferenciação nos seus modelos de negócio. Do

mesmo modo, as *FinTech* veem cada vez mais as instituições financeiras estabelecidas como possíveis parceiras. Ou seja, há um apetite crescente, de ambos os lados, pela colaboração.

A grande maioria das *FinTechs* opera em partes específicas da cadeia de valor, com uma oferta muito específica, ao passo que os bancos apresentam uma oferta de serviços com uma enorme abrangência na cadeia de valor e têm um *know-how* mais aprofundado. O potencial de colaboração é, assim, reforçado por esta complementaridade genética.

Parece, portanto, ser este o caminho que mais beneficia o consumidor, os entrantes e os incumbentes: colaboração e integração das *FinTechs* nos novos modelos de negócio das Instituições financeiras.

Os incumbentes, instituições de crédito, beneficiam da capacidade de inovação, da flexibilidade, do poder de disrupção e da ausência de infraestruturas *legacy* das *FinTechs*. As *FinTechs* beneficiam da solidez, da reputação, do conhecimento, da dimensão e da escala de negócio que as instituições de financeiras lhes podem oferecer. O consumidor beneficia de produtos mais baratos, mais adaptados às suas necessidades específicas, mais integrados, mais diversificados, mais flexíveis e de utilização mais ágil e conveniente.

Este contexto tenderá a aprofundar-se com a entrada em vigor da nova Diretiva de Serviços de Pagamento (DSP2), prevista para breve. Este novo quadro regulatório visa contribuir para a promoção de um mercado único para os serviços de pagamento no espaço europeu, que seja simultaneamente seguro (para prestadores de serviços de pagamentos e utilizadores), eficiente, inovador e gerador de concorrência.



A Diretiva vem regular dois serviços de pagamento que, até à data, não beneficiavam de enquadramento regulamentar – os serviços de informação sobre contas e os serviços de iniciação de pagamentos. Estes serviços serão prestados aos utilizadores, *online*, por prestadores que se consideram ‘terceiros’ na relação entre o utilizador e o seu banco.

Estes terceiros terão, mediante o consentimento do utilizador, acesso aos dados das suas contas bancárias e poderão, por exemplo, no caso dos serviços de informação sobre contas, fornecer-lhe informação agregada sobre contas detidas por si em vários bancos e possibilitar

serviços dinâmicos de gestão dos orçamentos das famílias ou da tesouraria das empresas.

No caso dos serviços de iniciação de pagamentos, estes terceiros poderão iniciar pagamentos em nome do utilizador, de forma cómoda e célere, sem que este tenha de sair do *site* do comerciante ao qual está a adquirir um produto ou serviço.

Embora a Diretiva permita que estes serviços de pagamento sejam prestados por um banco, a verdade é que possibilita a outras entidades constituírem-se como prestadores de serviços de pagamento apenas para a prestação de um daqueles dois tipos de serviços, caso em que beneficiam de um regime de habilitação para a prestação de serviços mais aligeirado.

Não obstante os níveis de incerteza serem ainda muito grandes, o certo é que os desafios que se colocam ao sistema financeiro são enormes no domínio da inovação e da transformação digital. Esses desafios exigem visão, estratégia, atitude inovadora, abertura para abraçar novas abordagens de negócio, novas parcerias e, não menos importante, capacidade de investimento e

de reforço das competências internas dos bancos.

O Banco de Portugal reconhece, tal como as autoridades europeias, que as *FinTechs* podem oferecer um importante conjunto de vantagens ao sistema financeiro e aos consumidores em geral, que vão desde o aumento da oferta de serviços, passando pela melhoria da experiência do utilizador, pela redução de custos, aumento da produtividade e reforço da eficiência operacional, pela promoção da inclusão financeira e, sobretudo, pelo incremento da inovação digital e da competitividade no ecossistema financeiro.

O Banco de Portugal iniciou, ainda no primeiro semestre de 2017, contactos regulares com representantes de *FinTechs* que operam em Portugal, quer ao nível das associações representativas do setor, quer com as próprias empresas de *FinTechs* que nos têm solicitado reuniões e com quem temos vindo a debater os desafios que se colocam ao setor no nosso país. Desenvolveu ainda, no final de 2017, uma importante iniciativa, o *Pay Challenge*, que visou promover a implementação da Diretiva de Serviços de Pagamento revista (PSD2) em Portugal através da apresentação de soluções inovadoras para os novos serviços de pagamentos que aquela diretiva vem permitir. Reunimos um conjunto importante de *FinTechs* e de outros intervenientes relevantes nesta iniciativa com o objetivo de promover a inovação em contexto regulado.

O Banco de Portugal irá intensificar, em 2018, a sua atividade nesta área, pretendendo realizar, entre outras, as seguintes iniciativas:

- *FinTechs meetings* regulares (trimestrais) com os principais operadores e associações nacionais;
- Criação de um canal dedicado para as *FinTechs* interagirem com o Banco de Portugal;
- Caracterização do mercado *FinTech* nacional, através de questionário a realizar junto dos operadores;
- Elaboração de guia prático de regulação e supervisão específica para este segmento;
- Acompanhamento regular de estudos sobre este tema ao nível internacional e divulgação pelos operadores;
- Realização de uma Conferência anual sobre o tema, que congregue, entre outros *stakeholders* relevantes, empresas *FinTechs* (entrantes) e instituições financeiras estabelecidas (incumbentes);
- Reativação do Fórum Nacional para os Sistemas de Pagamentos, com a inclusão das associações representativas deste setor.

O plano de atividades do Banco de Portugal deverá ser alinhado com o "*FinTech action plan: For a more competitive and innovative European financial sector*" (https://ec.europa.eu/info/publications/180308-action-plan-FinTech_en) apresentado no passado dia 23 de março pela Comissão Europeia.

Na apresentação desse plano foi afirmado que: "*A fim de ajudar o setor FinTech europeu a operar livremente em toda a UE e a ser competitivo, a Comissão tenciona centrar-se em três princípios fundamentais: neutralidade tecnológica, de modo a que sejam aplicadas as mesmas regras aos produtos e serviços vendidos tradicionalmente (por exemplo: através de sucursais) que aos comercializados em formato digital, a fim de garantir a inovação e condições de concorrência equitativas. Em segundo lugar, proporcionalidade, de modo a que as regras sejam adequadas a diferentes modelos de negócios, dimensão e atividades das entidades regulamentadas. Em terceiro lugar, uma maior integridade, a fim de assegurar a transparência, o respeito da vida privada e a segurança para os consumidores.*"

Hélder Rosalino, março de 2018

Bibliotema • Destaques

CORDEIRO, António Barreto Menezes;
OLIVEIRA, Ana Perestrelo de; DUARTE,
Diogo Pereira

FinTech: desafios da tecnologia financeira

Coimbra: Almedina, set 2017. 328 p.
ISBN 978-972-40-7091-9



“*Fintech*: desafios da tecnologia financeira” nasce da colaboração entre a Universidade de Lisboa, Banco de Portugal, CMVM e ASF na organização das II Jornadas Financeiras. Esta obra resume as intervenções feitas durante a conferência, bem como estudos que lhe sucederam e que nela se basearam.

A premissa que é da tecnologia, e mais particularmente da sua aplicação nos sistemas financeiros, que tem resultado grande parte da transformação deste setor, torna necessário antecipar que desafios se poderão colocar a este nível, englobando os pontos de vista das instituições financeiras, dos seus clientes, dos reguladores, e de outros agentes indiretamente relacionados, de modo a garantir que o resultado é positivo.

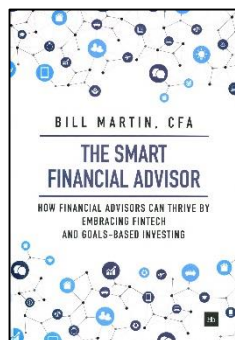
Esta obra pretende responder a essa urgência. São aqui detalhadas algumas das tecnologias que fazem parte do universo das *FinTech*, como *blockchain*, *big data*, *automation in financial advice*, *internet of things*, e analisadas as suas aplicações no mercado bancário, segurador e de capitais.

A complementar esta avaliação, é feita uma análise dos desafios a nível jurídico e regulatório que a inovação trará ao setor, refletindo as preocupações que os principais órgãos políticos europeus já demonstraram, ao definir critérios fundamentais para assegurar que as mudanças não põem em causa direitos fundamentais dos cidadãos ou não condicionem a integridade do mercado, garantindo a neutralidade e o equilíbrio do quadro regulamentar.

MARTIN, Bill

The smart financial advisor: how financial advisors can thrive by embracing fintech and goals-based investing

Petersfield: Harriman House, 2017. 238p..
ISBN: 978-0-85719-583-8



A obra, pela mão do autor Bill Martin, traça 2 percursos possíveis para a consultoria financeira: um, fundamentado no investimento convencional, e um outro sustentado pelas novas tecnologias, impelindo os consultores a adaptarem-se ao universo da tecnologia financeira (*Fintech*) e ao investimento baseado em metas.

Ao adotar novas estratégias de negócio, mais colaborativas e personalizadas, será mais fácil ir ao encontro dos desejos e aspirações de cada cliente, uma abordagem que levará a melhores resultados tanto para investidores como para conselheiros financeiros.

O livro foi escrito com o intuito de fornecer um guia abrangente às diversas tecnologias, investimentos baseados em metas, produtos e modelos de negócio integrados na envolvente da *Fintech*, de como sobreviver aos seus desafios e de como prosperar verdadeiramente na qualidade de um “conselheiro financeiro inteligente”.

Biblioteca • Lista bibliográfica seleccionada

Livros

ALDRIDGE, Irene; KRAWCIW, Steve

Real-time risk: what investors should know about FinTech, high-frequency trading, and flash crashes

Hoboken: Wiley, 2017. 212p.

ISBN: 978-1-119-31896-5

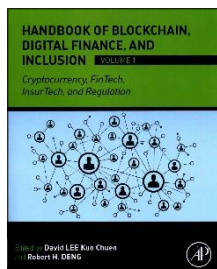


CHUEN, David Lee Kuo; DENG, Robert H.

Handbook of blockchain, digital finance, and inclusion: Cryptocurrency, FinTech, InsurTech, and regulation

London: Academic Press, 2018. 456p.

ISBN: 978-0-12-810441-5



NICOLETTI, Bernardo

The future of FinTech: Integrating finance and technology in financial services

Cham: Palgrave Macmillan, 2017. 328p.

ISBN: 978-3-319-51414-7

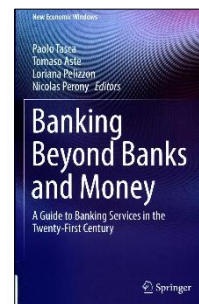


TASCA, Paolo; ASTE, Tomaso; e outros

Banking beyond banks and money: a guide to banking services in the twenty-first Century

Cham: Springer, 2016. 316p..

ISBN: 978-3-319-42446-0



Artigos e documentos de trabalho

Basel Committee on Banking Supervision. BIS

Sound practices: implications of FinTech developments for banks and bank supervisors

Basel: BIS, Aug 2017, 48p.

BUCHAK, Greg; MATVOS, Gregor; e outros
Fintech, regulatory arbitrage, and the rise of shadow banks

Cambridge, Mass.: National Bureau of Economic Research, Sep 2017, 85p.

DONG, He; LECKOW, Ross; e outros; IMF. Monetary and Capital Markets, Legal, and Strategy and Policy Review Departments
Fintech and financial services: initial considerations

Washington: IMF, 2017, 49p.

European Central Bank; Bank of Japan
Project Stella: Payment systems: liquidity saving mechanisms in a distributed ledger environment

Frankfurt: ECB; Bank of Japan, Sep 2017, 21p.

Committee on Payments and Market Infrastructures. BIS

Distributed ledger technology in payment, clearing and settlement: an analytical framework

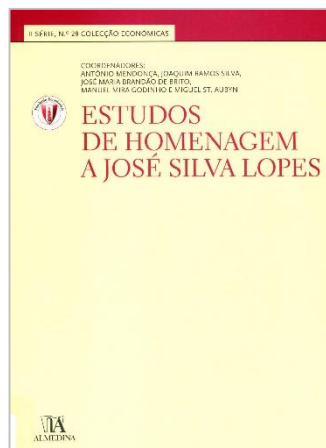
Basel: BIS, Feb 2017, 23p.

FSB - Financial Stability Board. FinTech Issues Group

Financial stability implications from FinTech

Basel: FSB, 27 Jun 2017, 61p.

Novidades • Destaques



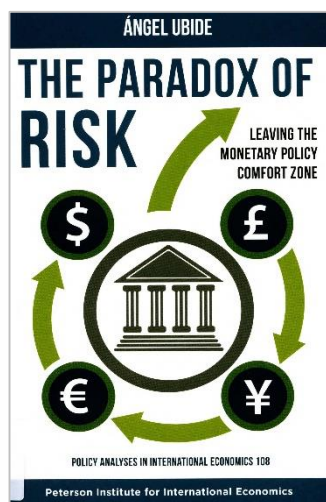
MENDONÇA, António, coord; SILVA, Joaquim Ramos, coord; BRITO, José Maria Brandão, coord

Estudos de Homenagem a Silva Lopes

Coimbra: Almedina, 2017, 758p..
ISBN 978-972-40-6877-0

Nesta obra coletiva, presta-se uma justa homenagem ao economista José da Silva Lopes, figura ímpar que marcou de forma indelével a investigação e a política económica na segunda metade do século XX em Portugal. Para além das notas biográficas da autoria de José Maria Brandão de Brito e de Teodora Cardoso, este volume reúne um conjunto de contribuições que percorrem as grandes questões da economia portuguesa, espelhando a transversalidade e a importância do papel que José da Silva Lopes nelas assumiu, desde a política económica à gestão empresarial.

Ao nível da estrutura da obra, as contribuições abordam diversas temáticas da economia portuguesa, desde as finanças públicas e a estabilização económica passando pela política monetária, integração económica e relações externas, o crescimento económico e as atividades económicas e sua regulação, consolidando perspetivas históricas e atuais numa obra única e essencial para a compreensão da economia portuguesa e do alcance do papel e importância de José da Silva Lopes na sua análise e discussão.



UBIDE, Angel

The paradox of risk: leaving the monetary policy comfort zone

Washington: Peterson Institute for International Economics, 2017. 298p..
ISBN: 978-0-88132-719-9

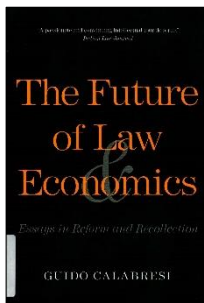
Uma década após a explosão da grande crise financeira, os principais bancos centrais estão ainda a investigar a melhor forma de alcançar os objetivos económicos estabelecidos.

No livro "The paradox of risk: leaving the monetary policy comfort zone", Angel Ubide avalia o sucesso da política monetária desde a crise financeira mundial, nomeadamente a sua eficácia operacional nos mercados e no cumprimento das metas macroeconómicas estabelecidas.

O comportamento excessivamente prudente dos bancos centrais, focado no risco inflacionário, tem conduzido à aceitação de níveis de inflação inferiores ao "target" e a um ambiente ainda maior de incerteza e risco – "the paradox of risk".

De modo a reverter a atual situação paradoxal de risco, o autor apela a que os decisores políticos abandonem a sua "zona de conforto" e tomem medidas mais ousadas que permitam impulsionar o panorama económico mundial.

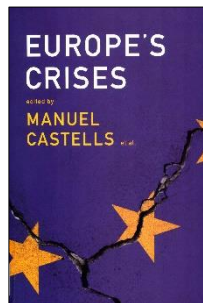
Novos recursos de informação



CALABRESI, Guido

The future of law and economics: essays in reform and recollection

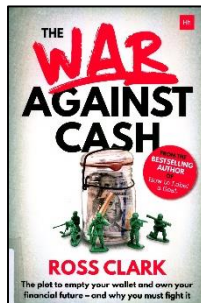
New Haven: Yale University Press, 2016. 228p.
ISBN: 978-0-300-23052-9



CASTELLS, Manuel; BOUIN, Olivier; e outros

Europe's crises

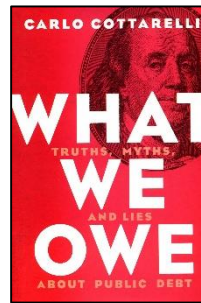
Cambridge: Polity Press, 2018. 458p.
ISBN: 978-1-5095-2487-7



CLARK, Ross

The war against cash: the plot to empty your wallet and own your financial future - and why you must fight it

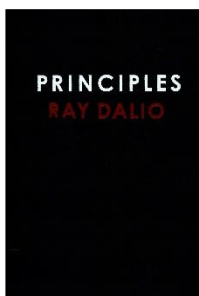
Petersfield: Harriman House, 2017. 177p.
ISBN: 978-0-85719-625-5



COTTARELLI, Carlo

What we owe: truths, myths, and lies about public debt

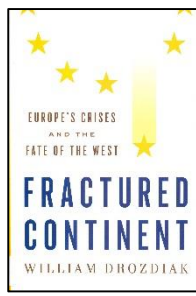
Washington: Brookings Institution Press, 2017. 190p.
ISBN: 978-0-8157-3067-5



DALIO, Ray

Principles

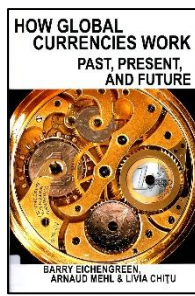
New York: Simon and Schuster, 2017. 567p.
ISBN: 978-1-5011-2402-0



DROZDIK, William

Fractured continent: Europe's crises and the fate of the West

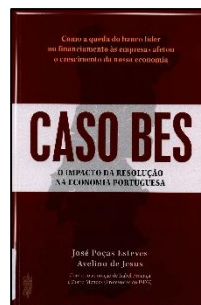
New York: W. W. Norton, 2017. 298p.
ISBN: 978-0-393-60868-7



EICHENGREEN, Barry J.; MEHL, Arnaud; e outro

How global currencies work: past, present, and future

Princeton: Princeton University Press, 2018. 250p.
ISBN: 978-0-691-17700-7

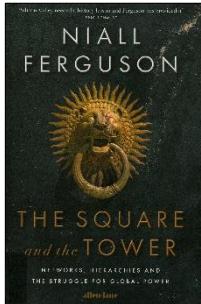


ESTEVES, José Poças; JESUS, Avelino de

Caso BES: o impacto da resolução na economia portuguesa

Lisboa: CLUBE DO AUTOR, 2018. 333p.
ISBN: 978-989-724-411-7

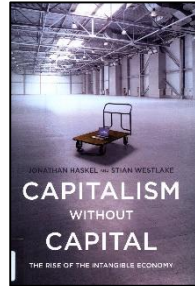
Novos recursos de informação



FERGUSON, Niall

The square and the tower; networks, hierarchies and the struggle for global power

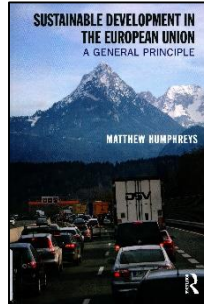
London: Allen Lane, 2017. 574p.
ISBN: 978-0-241-29046-0



HASKEL, Jonathan; WESTLAKE, Stian

Capitalism without capital: the rise of the intangible economy

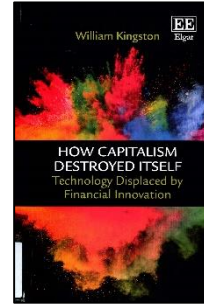
Princeton: Princeton University Press, 2018. 278p.
ISBN: 978-0-691-17503-4



HUMPHREYS, Matthew

Sustainable development in the European Union: a general principle

London: Routledge Taylor and Francis Group, 2018. 155p.
ISBN: 978-1-4094-4731-3



KINGSTON, William

How capitalism destroyed itself: technology displaced by financial innovation

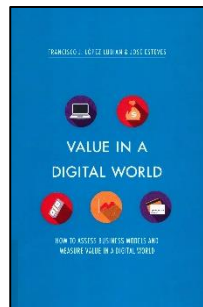
Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2017. 174p.
ISBN: 978-1-78536-773-1



LEESON, Peter T.

WTF?! An economic tour of the weird

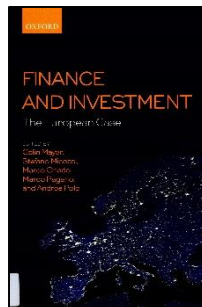
Stanford: Stanford Economics and Finance, 2017. 246p.
ISBN: 978-1-5036-0091-1



LÓPEZ LUBIÁN, Francisco J.

Value in a digital world: How to assess business models and measure value in a digital world

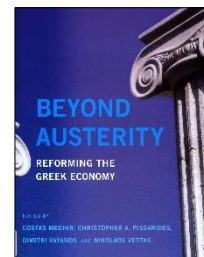
Cham: Palgrave Macmillan, 2017. 168p.
ISBN: 978-3-319-51749-0



MAYER, Colin, ed. lit.; MICOSSÌ, Stefano, ed. lit.; E outros

Finance and investment: the European case

Oxford: Oxford University Press, 2018. 392p.
ISBN: 978-0-19-881582-2

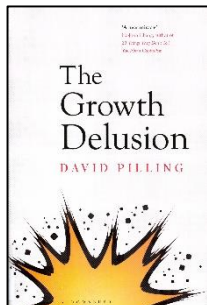


MEGHIR, Costas; PISSARIDES, Christopher A.; e outros

Beyond austerity: Reforming the Greek economy

Cambridge, Mass.: MIT Press, 2017. 720p.
ISBN: 978-0-262-03583-5

Novos recursos de informação

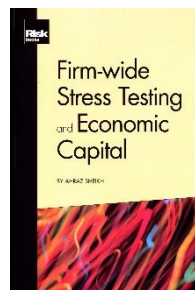


PILLING, David

The growth delusion: the wealth and well-being of nations

London: Bloomsbury, 2018. 338p.

ISBN: 978-1-4088-9370-8



SHEIKH, Ahraz

Firm-wide stress testing and economic capital

London: Risk Books, 2018. 602p.

ISBN: 978-1-78272-202-1



SOUSA, Alfredo de

Evolução recente da economia portuguesa 1945-1985: estudos inéditos

Lisboa: ICS-Imprensa de Ciências Sociais, 2017. 211p.

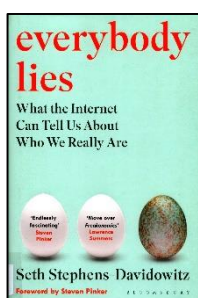
ISBN: 978-972-671-450-7



SRINIVASAN, Ramesh; FISH, Adam

After the Internet

Cambridge: Polity, 2017. 160p. ISBN: 978-1-5095-0618-7

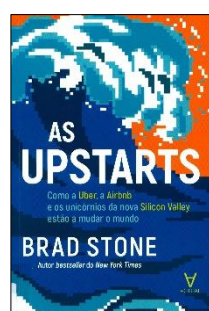


STEPHENS-DAVIDOWITZ, Seth

Everybody lies: what the Internet can tell us about who we really are

London: Bloomsbury, 2017. 338p.

ISBN: 978-1-4088-9471-2

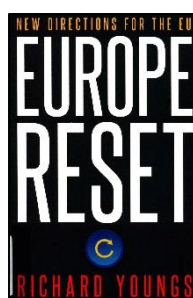


STONE, Brad

As upstarts: como a Uber, a Airbnb, e os unicórnios da nova Silicon Valley estão a mudar o mundo

Coimbra: Conjuntura Actual Editora, 2017. 353p.

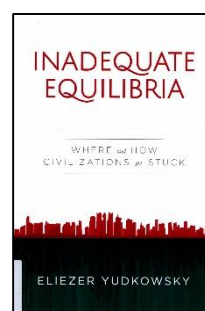
ISBN: 978-989-694-251-9



YOUNGS, Richard

Europe reset: new directions for the EU

London: I. B. Tauris, 2018. 242p. ISBN: 978-1-78831-057-4



YUDKOWSKY, Eliezer

Inadequate equilibria: where and how civilizations get stuck

Berkeley: Machine Intelligence Research Institute, 2017. 167p. ISBN: 978-1-939311-22-1

Conversas na Biblioteca

Teodora Cardoso, Presidente do Conselho das Finanças Públicas

No passado dia 8 de março, realizou-se, pela primeira vez no espaço multiusos do Edifício Portugal, a 6ª edição das “Conversas na Biblioteca”. Como convidada, esteve a economista Teodora Cardoso, para apresentar a obra “Économie du Bien Commun”, de Jean Tirole.

Uma obra que se aproxima mais de uma reflexão e que contrasta com a formalidade e rigor matemático de outros textos do mesmo autor, que, note-se, lhe trouxeram um Nobel, mas

não por isso menos incisiva ou contundente, conforme destacou a convidada.

Após um resumo dos principais temas discutidos na obra, Teodora Cardoso sublinhou a importância da complementaridade entre o Estado e o Mercado, devendo a Economia servir para compreender, melhorar e alinhar os dois domínios, em busca do bem comum.

A concretização dessa busca foi, aliás, objeto de discussão entre os presentes, partindo do descrédito nas instituições



e nos protagonistas que se instalou após a crise financeira.

Exposição “10 anos de crise financeira”

Biblioteca do Banco de Portugal

A Biblioteca do Banco de Portugal acolheu, durante o primeiro trimestre do ano, uma exposição que assinala a passagem de 10 anos desde o início da crise financeira.

Para além de um conjunto de cronologias temáticas, complementadas com uma seleção de obras pertencentes ao acervo do Banco, a sala de leitura foi palco de três apresentações que examinaram diferentes dimensões da crise, por parte dos economistas Maximiano Pinheiro, Nuno Alves e Paulo Soares Esteves.

Maximiano Pinheiro abordou as fragilidades que estiveram na origem da crise europeia, alertando para os desafios que a União Económica e Monetária ainda enfrenta. Nuno Alves revisitou o discurso de Mario Draghi em Londres, que marcou um ponto de viragem na crise das dívidas soberanas da zona euro, efemerizado como “*Whatever it takes*”, destacando o papel do banco central e analisando a extensão da sua atuação. Por fim, Paulo Soares Esteves discutiu a importância do setor exportador na superação da recessão, evidenciando a heterogeneidade a nível europeu e realçando o caso português.



A Biblioteca agradece aos oradores a sua disponibilidade em partilhar o seu conhecimento e aos participantes pelo seu interesse e contribuição para uma discussão enriquecedora.

1.º Workshop de Bibliotecas Banco de Portugal

Os desafios dos novos profissionais de informação



A Biblioteca do Banco de Portugal irá organizar, nos dias 3 e 4 de maio, um *workshop* de bibliotecas com o intuito de partilhar e promover as melhores práticas na área do tratamento da informação.

O acesso à informação é fulcral para o bom funcionamento de qualquer organização. A proliferação da informação na internet, a automação nos processos de gestão, as redes sociais e as necessidades crescentes em quantidade, qualidade e mobilidade no acesso à informação, obrigam os profissionais desta área a procurar modelos mais flexíveis para servir os utilizadores, tanto nos domínios da curadoria como na disseminação de informação.

A Biblioteca do Banco de Portugal já oferece uma panóplia de recursos eletrónicos aos seus utilizadores, que entende ser imprescindível aprofundar.

Para isso, a Biblioteca pretende reunir um conjunto alargado de bibliotecários da região de Lisboa, de modo a dar a conhecer as experiências e soluções encontradas para desafios comuns, procurando sinergias entre bibliotecas de diferentes tipologias.

Serão abordadas temáticas tão diversas quanto a gestão do conhecimento na era dos social media, espaços de biblioteca ou o papel de uma biblioteca na construção social.

Biblioteca

Mais de 70 000 monografias

Mais de 1500 títulos de periódicos

Recursos eletrónicos

Relatórios e contas

Instruções do Banco de Portugal

Legislação nacional e comunitária

Coleção de obras impressas entre os sécs. XVII e XIX

Obras editadas pelo Banco de Portugal

Pesquisas efetuadas por especialistas

Acesso à Internet

Sala de Leitura

R. Francisco Ribeiro, 2

1150-165 Lisboa

Entrada livre

De 2.ª a 6.ª feira

9h00 – 16h00

(entrada até às 15h00)

T +351 213 130 626

F + 351 213 128 116

biblioteca@bportugal.pt